

**“EU JÁ SOU UMA PESSOA QUE NÃO TEM UM EQUILÍBRIO,
MAS O POUCO QUE EU TENHO O IFES ME TIRA”:** Cultura
universitária enquanto possível potencializadora de transtornos
mentais em estudantes de engenharia mecânica

Odacyr Roberth Moura da Silva ¹
Crisóstomo Lima do Nascimento ²

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi analisar a relação entre saúde mental e as práticas pedagógicas em vigência no Instituto Federal do Espírito Santo a partir de relatos de estudantes de Engenharia Mecânica. Os dados analisados são recortes de uma pesquisa de doutorado que tinha por objetivo analisar o fenômeno da reprovação em massa em disciplinas com alto índice de reprovação no curso de Engenharia Mecânica. Foram entrevistados os professores das três disciplinas com a taxa mais alta de reprovação, o coordenador do curso e 16 estudantes. O tema transtornos mentais surgiu no discurso de 1 professor e de 5 estudantes. Os dados revelam, por um lado, um docente preocupado com a saúde mental dos estudantes, mas que demonstra uma falta de clareza quanto às estratégias apropriadas para oferecer suporte nessa área. De outro lado, emergem como fatores de risco para o bem-estar psicológico dos estudantes a exaustão mental decorrente de esforços intensos e resultados muito aquém da energia investida, o contexto pós pandêmico de retorno às aulas presenciais, dificuldades econômicas, distância da família, falta de consciência para organização de seus estudos, falta de base do ensino médio, pouca compreensão dos docentes sobre suas dificuldades e uma cultura universitária que naturaliza a reprovação e a vida universitária privada de lazer, voltada exclusivamente à academia. Os dados apontam para a necessidade da instituição se voltar para o estudo de sua própria realidade, promovendo uma revisão de suas práticas educacionais, especialmente em termos de propor soluções para os obstáculos ao bem-estar psicológico produzidos pela sociedade, em vez de reproduzi-los ou reforçá-los.

Palavras-chave: Educação Superior, Saúde Mental, Fracasso Escolar, Instituto Federal, Engenharia Mecânica.

INTRODUÇÃO

O ambiente universitário, tradicionalmente visto como um espaço de crescimento intelectual e social, tem sido cada vez mais associado a desafios à saúde mental dos estudantes. Dentre os diversos cursos de graduação ofertados pelo Instituto Federal do Espírito Santo, a Engenharia Mecânica se destaca por apresentar uma carga horária

¹ Doutor pelo Curso de Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Uenf em parceria (Dinter) com o Instituto Federal do Espírito Santo, odacyrroberth@gmail;

² Professor orientador: Doutor, Faculdade de Ciências do Homem - Uenf, crisostomoln@gmail.com

intensa, exigências acadêmicas elevadas e uma cultura competitiva que pode contribuir para o surgimento de transtornos mentais.

A saída do ensino médio e a entrada na universidade requer do estudante um considerável esforço adaptativo uma vez que mudanças complexas e significativas ocorrem em diversas áreas da sua vida acadêmica e social (PINTO, 2021). Contudo, essas mudanças nem sempre são positivas e, se associadas a experiências perturbadoras, podem provocar efeitos adversos na saúde física e psicológica do estudante universitário (COSTA; LEAL, 2008).

Alguns estudos apontam um aumento dos índices de problemas mentais entre universitários, tanto em relação ao número de estudantes mentalmente adoecidos quanto na gravidade destes problemas (OSBERG, 2004, COOK, 2007, MUCH; SWANSON 2010 apud SILVEIRA et al, 2011). Para os autores, “quando os jovens ingressam na universidade, afastam-se muitas vezes do seu círculo de relacionamentos familiares e sociais, o que pode desencadear situações de crise” (p. 248).

Um estudo realizado por Campo-Arias et al (2005) com 560 universitários que buscava identificar a relação entre rendimento acadêmico e sintomas depressivos com importância clínica (SDIC) constatou que quanto maior a incidência desses sintomas, menor é o rendimento do estudante.

Um diagnóstico realizado por Teixeira (2023) com estudantes evadidos, egressos e matriculados na Universidade Federal do Mato Grosso mostrou que, dentre aqueles que mantinham vínculo ativo com a universidade, as principais dificuldades relatadas estavam relacionadas à falta de recursos para se manter (31%) e a problemas emocionais (30%). A falta de recursos financeiros também ficou em primeiro lugar (21%) entre os estudantes desvinculados (evadidos), enquanto para os egressos, problemas emocionais (16%) figurou como maior dificuldade para a aprendizagem e permanência na instituição. Apesar de o objeto de estudo da tese da qual derivou este trabalho ser a reprovação em massa, as emoções e humores estão intimamente relacionados ao (in)sucesso do estudante no curso escolhido enquanto uma das variáveis que podem potencializá-lo ou inibi-lo.

Neste contexto, o presente estudo busca analisar a relação entre saúde mental e as práticas pedagógicas em vigência no Instituto Federal do Espírito Santo a partir de relatos de estudantes de Engenharia Mecânica

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, exploratório, descritivo, de corte transversal, do tipo estudo de caso. Os dados foram coletados em turmas de períodos iniciais do curso de Engenharia Mecânica no Instituto Federal do Espírito Santo nos semestres de 2021/2 e 2022/1. Foram escolhidas as disciplinas com maior índice de reprovação para a realização da coleta de dados (Fundamentos da Mecânica Clássica, Algoritmos e Estrutura de Dados, Álgebra Linear).

Ao final do semestre, foram escolhidos entre 4 e 6 estudantes por disciplina para participar da entrevista que buscou abordar de maneira mais profunda concepções, sentimentos e estratégias envolvidos no processo de reprovação. As entrevistas foram realizadas individualmente, em ambiente que permitisse tranquilidade e sigilo. Com o consentimento dos entrevistados, toda a entrevista foi registrada eletronicamente com o auxílio de um gravador de voz digital.

Foram selecionados para a entrevista 16 estudantes, 3 professores e o coordenador do curso. Foi critério de inclusão para os estudantes ser matriculado no curso de Engenharia Mecânica, possuir mais de 18 anos, estar cursando a disciplina e aceitar participar voluntariamente do estudo mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram priorizados os multirrepetentes e os reprovados com menores scores.

Os dados coletados na observação e nas entrevistas foram analisados segundo a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009). Após realizada a transcrição e a leitura das entrevistas, todas as unidades de registro que versavam sobre o tema “circunstâncias que interferem no processo de aprendizagem” foram agrupadas em um arquivo padrão do word. As unidades de registro foram classificadas inicialmente em 52 grupos que, em uma segunda etapa de classificação resultaram em quatro macrocategorias. Os resultados apresentados neste trabalho foram extraídos do grupo “Transtornos mentais”, pertencente à macrocategoria “Desafios Familiares e Sociais”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O tema transtornos mentais surgiu no discurso de 1 professor e de 5 estudantes. Os dados revelam, por um lado, um docente preocupado com a saúde mental dos estudantes,

mas que demonstra uma falta de clareza quanto às estratégias apropriadas para oferecer suporte nessa área, conforme relato do professor:

Ivan: Tem uns alunos lá que eu vou até passar pra coordenação depois. Tem uma menina lá que eu acredito que tem que fazer o acompanhamento dela. (...) Tem o Arturo, a Clara, a Regiane... (...) O problema da Paola é que, tipo assim, ela escreve algumas coisas na prova sem sentido nenhum. Entendeu? (...) Ela escreve umas mensagens assim, meia subliminar na prova, depois ela apaga. Ontem ela deixou uns troço escrito lá, que o Ifes era não sei o quê... (...) Na última prova, não sei se foi Álgebra Linear ou Cálculo, ela escreveu música... (...) ela escreveu um monte de coisa, mas apagou. (...) Ela escreve e apaga coisa que não tem nada a ver com a matéria. (...) Diz a Olívia que o fato de ter muito silêncio incomoda dela. Aí ela virou pra mim na primeira prova e falou “e se eu passar mal no dia da sua prova?” e eu falei assim, deixa eu te perguntar “você passar mal, como?”. (Ela responde) “Não... não sei o quê... eu tenho crise de choro”. Eu falei com ela “eu libero a porta, e se você passar mal, cê nem precisa falar comigo, cê levanta e sai”. Aí o que acontece aí? Parece que... eu não vi ela passar mal na prova, porque, também, ela é uma pessoa que chega pra conversar comigo e ela conversa bem. Mas tem professor que ela não consegue conversar, entendeu? Aí eu estava até conversando com ela com essa semana, conversei com ela. Aí eu pensei nessa ideia, mas essa ideia não vou tentar botar em prática agora, no caso. Deixar pra período que vem. (...) Na sala de aula ela até pediu para não falar o nome dela. (...) Quando eu to dando aula, eu nunca falei o nome dela. Porque eu sei que se eu falar o nome dela, ela vai ficar maluca lá na frente. Ela não gosta de ser o centro das atenções, entendeu? (...) Tem ela, que não consegue fazer prova direito, tem a Clara, não fica quieta na sala, uma hora tá dançando, uma hora tá conversando... Mas ela faz isso para poder distrair.

De outro lado, emergem como fatores de risco para o bem-estar psicológico dos estudantes a exaustão mental decorrente de esforços intensos e resultados muito aquém da energia investida, o contexto pós pandêmico de retorno às aulas presenciais, dificuldades econômicas, distância da família, falta de consciência para organização de seus estudos, falta de base do ensino médio, pouca compreensão dos docentes sobre suas dificuldades e uma cultura universitária que naturaliza a reprovação e a vida universitária privada de lazer, voltada exclusivamente à instituição, como é possível observar nos relatos a seguir:

Cristina: Eu ficava muito pilhada na hora da prova. E eu sempre tive muito essa questão de ansiedade, eu conversava muito com o pedagogo porque eu era muito ansiosa. Então, tipo, se eu passava mal, tinha dia que me dava crise de enxaqueca. Teve uma vez, na época que eu fazia Algoritmos, que chegou ao final do semestre, eu não conseguia vir pra aula. Eu sentava, ele começava a falar, eu levantava e ia embora porque eu não conseguia assistir a aula.

Odacyr: Então, essa disciplina tem um histórico de trauma na sua vida.

Cristina: É, era assim, eu falava assim “não, não tem como”. A voz começava a coar na minha cabeça e eu começava a ficar nervosa e me dava aquela coisa. Eu levantava e ia embora.

Vinícius: (...) Os professores deixam bem claro isso, que pra você ser universitário, cê não pode ter vida social. Eu não sei de onde eles tiraram isso, não sei como que eles vêm isso na cabeça de um menino de 18 anos que

acabou de sair do ensino médio na cabeça do menino 20, que ele não tem que ter vida social, ele tem que estudar. Em pleno século XXI isso não existe. Isso não existe. A pessoa tem que viver a vida dela, sabe? Eu tava até conversando com os meninos sobre gestão de tempo. Você tem que ter pelo menos 15 minutos, 30 minutos pra se sentar na sua cama e não pensar em nada, só ver a vida passar. Isso não tem. E se a gente tira esses 15 minutos, 30 minutos a gente fica pensando “tal matéria, estudar, estudar, estudar, estudar”. Então, a gente não tem um relaxamento.

Poliana: A maioria dos alunos toma medicamento. Eu conversei com alguns alunos há pouco tempo. Que eu comecei a tomar medicamento, tem uns 4 meses. (...) Eu estava tendo muita ansiedade. Muitos alunos tomam medicamento aqui, Odacyr. Muitos alunos. Aí você podia dar uma olhada também por fora, se é um impacto da pandemia, como que está que está sendo. Mas muitos alunos estão tomando medicamento. Não são poucos.

Vinícius: (...) Só que eu fiquei meio perdido, sabe? Não sei o que aconteceu, mas eu fiquei meio que caótico. Realmente fiquei muito perturbado no meio do semestre. Eu fui para São Paulo, fiz a primeira prova. E a segunda prova dela, eu tava indo muito bem na disciplina. Eu estudava até pouco, porque eu tinha ido para São Paulo, eu só pude estudar naquela semaninha. Lá em São Paulo, foi muito corrido. Eu fui pra São Paulo com o pessoal do Ifes e aí a gente não conseguiu estudar. Todo mundo levou o caderno, levou as coisas para estudar, só que é uma rotina muito cansada, muito cansativa. Tinha que dormir em barraca, no chão, uns colchonetes fininho. Então, assim, nosso corpo não estava propício para estudar e a gente nem tinha tempo. Era ir para chácara, depois ir para a exposição, ir para chácara, ir para a exposição, ficava 10 horas andando para a exposição. Então, aí, quando eu voltei, eu tinha mais uma semana para estudar, que aí depois seria a prova, né, de segunda chamada. Aí eu fiz a prova e depois que eu fiz a professora, fiz a prova numa quinta, aí a segunda prova dela, eu tive outra matéria, foi na outra quinta, e aí tinha menos de 5 dias para estudar, não conseguia estudar direito e aí eu tirei 30. Aí isso me desmotivou um pouco. Aí na terceira prova, entre a terceira e segunda prova, esse período de tempo assim, minha cabeça tava muito caótica: “não vou conseguir me concentrar”, “não vou conseguir parar pra estudar”. E aí meio que a ficha caiu e aí eu falei “Ah!!!”. Eu larguei tudo. Fiquei só tentando tratar aqui da minha cabeça, tentando voltar à rotina normal, mas... Tinha possibilidade, mas eu vi que eu já não ia conseguir voltar a tempo. Eu tinha... meio que cai no fundo do poço, assim, mental. As minhas coisas tavam super bem... Eu conversava com meus amigos super bem... O meu problema era sentar e estudar. Não conseguia. Lia, e, assim, as palavras não ficava. Tinha que beber 2 litros de café para eu conseguir parar e arrumar a aula. E aí foi até uma época que eu estava trazendo a garrafa de café de casa, botando em cima da mesa assim, pra ficar bebendo, por que estava insuportável. Aqui dentro (aponta para a cabeça), não estava bem. Aí eu voltei pra casa. Já tava 4 meses sem ir pra casa. Aí eu voltei para casa, vi meus pais, fiquei uma semana, (...) faltei uma semana. (...). Aí eu consegui voltar e reanimar, né? Só que aí não dava tempo de pegar a matéria. A matéria já estava muito adiantada, não dava tempo de pegar a matéria para a prova. Aí eu falei “Ah, vou me dedicar a outras coisas e aí não consigo, não posso”.

Marina: No outro semestre, eu nem tentava participar, de nenhuma aula, de nenhuma matéria, porque eu estava muito travada por conta de problemas de ansiedade e fobia social. Mas aí, tipo, esse semestre eu já estou mais à vontade até com campus, então, tipo, eu me sinto mais à vontade para poder participar, mas eu não vejo retorno em participar da aula dela (Fundamentos da Mecânica Clássica). Então não participo.

Odacyr: E essa necessidade de medicação vem de pressão do Ifes ou vem de outras coisas na sua vida também?

Marina: Eu faço acompanhamento ainda com o psicólogo e com o psiquiatra, né? E eu já sou uma pessoa que não tem um equilíbrio, digamos assim, mas o pouco que eu tenho o Ifes me tira. É tipo você olhar para o professor e falar “professor, tem como você não zerar essa minha questão, me ajudar aqui, porque com mais 1 ponto eu vou passar na matéria” e o professor falar “Não”. Então, tipo, isso desestabiliza. Então eu já não sou uma pessoa equilibrada, então qualquer coisa já vai me desestabilizar. O Ifes só potencializa o que já tem. O Ifes, eu digo mais a parte de docentes. Não o Ifes em si. Mas é isso, prejudica a parte de professores que parecem que não querem dar aula.

Vinícius: A gente acabou de sair de uma pandemia. E aí o índice de TDAH na população aumentou gigantesco. Ninguém consegue mais concentrar direito. (...) Tem 3 meninas e um menino que tomam remédio controlado pra essas coisas. E esse menino até saiu do curso. Não dá mais. O organismo dele chegou à saturação já e ele falou “já não aguento mais tomar tanto remédio”, e foi embora. Porque tá todo mundo assim, cansado, e parece que a gente correu uma maratona na pandemia. E aí voltamos agora em setembro, correu uma maratona maior ainda, que é 3 horas de aula. De 7 às 19h no Ifes. A gente tá muito difícil de continuar.

Além do impacto econômico, a pandemia também agravou os problemas de saúde mental já existentes e colaborou para o surgimento de novos transtornos mentais. De acordo com Silva e Rosa (2021), apesar de não haver dados conclusivos sobre o impacto negativo da suspensão presencial das aulas, já era possível perceber seus efeitos adversos na saúde física e mental, no bem-estar e na aprendizagem. A análise realizada pelas autoras evidenciou os impactos psicológicos como sentimentos de medo, isolamento, angústia e distúrbios do sono resultante da interrupção de suas rotinas escolares presenciais, sentimentos estes que podem levar a sintomas de estresse, ansiedade e depressão.

Todos esses efeitos, contudo, são sentidos de formas diferentes por cada estudante conforme a rede de apoio disponível e a inserção ou não em um ambiente funcional. O grupo que mais apresentou perda na aprendizagem devido à suspensão das aulas presenciais foi exatamente o de pessoas menos favorecidas economicamente, conforme ilustrou Poliana “Mas na escola particular, (minha sobrinha) teve aula em toda a pandemia. Na escola pública, não teve”. Esse cenário já foi desenhado por uma pesquisa realizada pela Unesco e o Banco Mundial (2020), prevendo a perpetuação ainda maior dos diversos tipos de exclusão. O fechamento de escolas impactou mais de 90% dos estudantes em todo o mundo, e as diferenças sociais e digitais colocavam ainda mais em desvantagem que não tinha acesso ao básico para ter um acompanhamento mínimo do seu processo de aprendizagem no ensino remoto. Embora o adoecimento mental não tenha decorrido exclusivamente do isolamento social, ele o potencializou

exponencialmente. Contudo, este adoecimento pode emergir de inúmeros outros fatores que atravessam a trajetória acadêmica dos estudantes do ensino superior.

Na Universidade Federal da Bahia foi realizada uma pesquisa com mais de sete mil estudantes universitários de 77 cursos. Esta pesquisa confirmou a hipótese da correlação entre fatores de integração social e acadêmica com sintomas de Transtornos Mentais Comuns:

Os fatores de integração acadêmica também demonstraram ter relevância no processo de adoecimento psíquico do alunado, com destaque para a satisfação com o desempenho no curso, e a motivação para estudar, como fatores que obtiveram associações mais fortes com Transtornos Mentais Comuns, depressão, ansiedade e estresse. Esses achados fortalecem o entendimento de que as IES precisam estar atentas ao desenvolvimento dos seus discentes, oferecendo condições adequadas para que eles alcancem o seu potencial. Além disso, as associações da variável quantidade excessiva de tarefas com os indicadores de problemas de saúde mental, especialmente de TMC e estresse, trazem inquietações e reflexões acerca das metodologias de ensino utilizadas nas universidades e se elas são as mais adequadas para os novos perfis de estudantes (BARROS; PEIXOTO, 2022, p. 626).

A inserção de transtornos mentais na macrocategoria Desafios Sociais se deve à função social que o transtorno desempenha, ou seja, o transtorno só é transtorno por causa do prejuízo que ele causa em relação à funcionalidade do indivíduo conforme as demandas dessa sociedade, circunscrita neste tempo e neste espaço. As atualizações periódicas dos manuais diagnósticos demarcam essa tentativa de incluir, excluir ou alterar as classificações dos transtornos mentais de acordo com as evoluções sociais e a maneira como cada comportamento é tido como típico ou atípico, funcional ou disfuncional. Cabe a nós educadores nos questionarmos a quem estamos servindo, se à lógica capitalista onde a organização da sociedade centraliza-se em torno da produtividade e do lucro, ou a uma concepção de que a educação é um processo essencialmente político e social, voltado para a transformação da sociedade, conforme apregoa Saviani (2013). Estamos utilizando as estruturas institucionais para reproduzir o capitalismo ou usando suas armas para superá-lo?

Conforme aponta Giroux, a pedagogia, muito mais que um procedimento técnico, deve ser enfatizada aos educadores enquanto uma prática moral e política que deve estar sustentada por um projeto que seja impulsionado “a partir de temas como a compaixão e a responsabilidade social, tendo como meta aprofundar e estender as possibilidades para a felicidade humana, o sujeito crítico, a justiça racial e a democracia econômica e política” (2000, p. 73). O autor não descarta o trabalho educativo enquanto atendimento às

demandas mercadológicas, porém enfatiza que estas jamais devem se sobrepor à ética e à justiça social.

O trabalho do profissional da psicologia, neste sentido, apresenta-se como uma ferramenta fundamental quando se pensa no equilíbrio entre a produção de um sujeito que busca ao mesmo tempo incorporar as demandas sociais sem anular sua subjetividade. Todavia, alcançar este estado é uma das metas mais desafiadoras da educação universitária:

Ângelo: Hoje em dia não, mas ali, em 2021, começo de 2022 foi só ladeira abaixo a minha vida. E para eu chegar a procurar a psicóloga do campus, foi, tipo, 5 anos depois, quando os meus amigos vieram buzinando no meu ouvido “vai, vai, vai”. Eu falei, “não, eu vou, pode deixar que eu vou”. E eu não ia. Aí, a namorada de um amigo meu que estudou comigo no ensino médio, ela falou “pode deixar, eu vou procurar pra você”. Quando ela começou a correr atrás, ela falou “toma aqui, ó”. Então, quando ela começou a correr atrás, eu despertei e aí eu fui conversar com a psicóloga e aquilo ajudou muito. Mas, inevitavelmente, eu imagino que não atenda 10% da galera que realmente precisa. Porque, se apegar o pessoal do período, tem muita gente que toma remédio hoje. A galera no geral aí, todo mundo tem um problema, depressão, ansiedade. Ansiedade é o que não falta.

O desafio da saúde mental nas universidades vai muito além da contratação de psicólogos para atender a grande demanda existente. O trabalho do psicólogo é importante, mas existe uma cultura universitária que instiga o adoecimento mental, muitas vezes sem se dar conta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar a relação entre saúde mental e as práticas pedagógicas em vigência no Instituto Federal do Espírito Santo a partir de relatos de estudantes de Engenharia Mecânica. Os resultados mostraram que à quantidade de conteúdo programático de cada disciplina; ao elevado número de disciplinas em cada semestre; às barreiras burocráticas da instituição impostas pela instituição; além das demandas da vida pessoal, social e familiar fora da universidade, somam-se a cultura da hipervalorização da prova individual e sem consulta enquanto único ou principal instrumento realmente capaz de detectar o que o estudante aprendeu ao longo do semestre. Essa valorização exacerbada por parte do docente e o condicionamento que o estudante passa ao longo de toda sua vida escolar criam um ambiente de constante tensão onde “passar na prova” é posto como objetivo final de todo processo educativo, deixando a

aprendizagem em segundo plano. Nas turmas observadas, a simples menção da palavra “prova” já provocava emoções negativas em uma parcela considerável dos estudantes.

Portanto, é preciso repensar o papel das universidades não apenas como centros de produção intelectual, mas como ambientes que também promovem o cuidado integral com seus alunos. Isso inclui a implementação de estratégias que busquem minimizar os fatores de risco e criar uma cultura de acolhimento, que valorize a saúde mental como um aspecto essencial da formação acadêmica. O trabalho do psicólogo é fundamental, mas precisa ser parte de um esforço maior que envolva a comunidade universitária como um todo.

O bem-estar psicológico é uma variável fundamental para a manutenção de uma vida ativa, plena e produtiva. Na vida de um estudante universitário, ele pode ter impacto significativo no sucesso ou fracasso acadêmico. A nível estatístico, pensar em serviços e políticas que se ocupem desta demanda é imprescindível para que os índices de reprovação, retenção e evasão não sigam aumentando. A nível humanístico, investir mais tempo, recursos e suporte para o desenvolvimento de competências socioemocionais e de afetos positivos pode ser um passo para a mudança de paradigma em uma sociedade que naturaliza situações abusivas de cobrança por produtividade e, principalmente, a mudança de paradigma em um sistema educativo que reproduz esse sistema muito mais que o questiona.

AGRADECIMENTOS

À Capes pelo financiamento de parte do meu doutorado. Ao Ifes pelo financiamento da minha participação no Congresso.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROS, R. N. de; PEIXOTO, A. de L. A. Integração ao ensino superior e saúde mental: um estudo em uma universidade pública federal brasileira. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 609–631, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000300012>. Acesso em: 01 mai. 2024.

CAMPO-ARIAS, A. et al. Percepción de rendimento académico y síntomas depresivos en estudantes de media vocacional de Bucaramanga, Colombia. **Arch. Pediatr. Urug.**, Montevideo, v. 76, n. 1, p. 21-26, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-12492005000100005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 01 mai. 2024.

COSTA, E. S.; LEAL, I. Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior: avaliar para intervir. In: **Anais do Congresso Nacional de Psicologia da Saúde**, Universidade do Porto, 2008. p. 213-216.

GIROUX, H. Pedagogia crítica como projeto de profecia exemplar: cultura e política no novo milênio. In: IMBERNON, F. (Org). **A educação no século XXI**. Artmed Editora, 2000. pp. 65-75.

PINTO, S. C. D. O. **Adoecimento mental e ensino superior**: uma análise do direito à saúde mental dos/das discentes de graduação da UFRN. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVA, S. M. da; ROSA, A. R. O impacto da covid-19 na saúde mental dos estudantes e o papel das instituições de ensino como fator de promoção e proteção. **Revista Práxis**, [S. l.], v. 2, p. 189–206, 2021. DOI: 10.25112/rpr.v2i0.2446. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2446>. Acesso em: 1 mai. 2024.

SILVEIRA, C. et al. Saúde mental em estudantes do ensino superior: experiência da consulta de psiquiatria do Centro Hospitalar São João. **Acta Médica Portuguesa**, v. 24, p. 247-256, 2011.

TEIXEIRA, M. D. DE J. et al.. Diagnóstico e estratégias de permanência e conclusão na graduação: estudo de caso para Universidade Federal de Mato Grosso. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 31, n. 119, p. e0233338, 2023. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362023003103338>

UNESCO. **Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação 2020**: inclusão e educação para todos. Paris: Unesco, 2020.